

## **O ANUÁRIO “QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA” COMO FONTE DE PESQUISA PARA HISTÓRIA DE EMPRESAS**

## **EL ANUARIO "QUIÉN ES QUIÉN EN LA ECONOMÍA BRASILEÑA" COMO FUENTE DE INVESTIGACIÓN PARA LA HISTORIA DE EMPRESAS.**

## **THE YEARBOOK “WHO'S WHO IN THE BRAZILIAN ECONOMY” AS A SOURCE OF RESEARCH FOR BUSINESS HISTORY**

**Fernando Mendes Coelho** <sup>i</sup>  

**Resumo:** Este artigo discute as potencialidades do anuário “Quem é quem na economia brasileira” do Grupo Visão como fonte de pesquisa para a História de empresas. O anuário, publicado entre 1967 e 1993, compreende uma abundante quantidade de dados contábeis e financeiros das maiores empresas brasileiras dos mais diversos setores do período. Diante deste grande levantamento para os padrões da época, o uso historiográfico do anuário permite múltiplas abordagens, desde o estudo focado em apenas uma empresa, ou até no conjunto de empresas presentes no levantamento. Coube como maior preocupação a apresentação da discussão teórica e metodológica sobre o uso do anuário como fonte para História de empresas, como também um breve cotejamento de algumas citações do editorial do anuário “Quem é

---

<sup>i</sup>Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (2009). Graduação em Licenciatura em História pela UNESPAR - Campus Paranaguá (2016). Mestre (2019) e Doutor (2023) em História pela UFPR. Realiza estudos nas áreas de História do Brasil, História Econômica e História do Pensamento Econômico Brasileiro. Tem como área de interesse os movimentos intelectuais e ideológicos liberais e neoliberais que marcaram o pensamento econômico brasileiro contemporâneo (séculos XX e XXI).

quem na economia brasileira” de 1971 para demonstrar suas potencialidades, metodologias de classificação de empresas e limites.

**Palavras-chave:** História de empresas; anuário; Grupo Visão; grandes empresas; quem é quem.

**Resumen:** Este artículo discute las potencialidades del anuario "Quem é quem na economia brasileira" del Grupo Visão como fuente de investigación para la Historia de empresas. El anuario, publicado entre 1967 y 1993, abarca una abundante cantidad de datos contables y financieros de las mayores empresas brasileñas en diversos sectores de la época. Ante este extenso relevamiento según los estándares de la época, el uso historiográfico del anuario permite múltiples enfoques, desde el estudio centrado en una sola empresa hasta el análisis del conjunto de empresas incluidas en el relevamiento. La principal preocupación fue la presentación de la discusión teórica y metodológica sobre el uso del anuario como fuente para la Historia de empresas, así como una breve comparación de algunas citas del editorial del anuario "Quem é quem na economia brasileira" de 1971 para demostrar sus potencialidades, metodologías de clasificación de empresas y limitaciones.

**Palabras clave:** Historia de empresas; anuario; Grupo Visão; grandes empresas; quien es quien.

**Abstract:** The question that guides the discussion of this article is the potential of Grupo Visão's yearbook "Who's who in the Brazilian economy" as a source of research for the history of companies. The yearbook, which was published between 1967 and 1993, comprises a large amount of accounting and financial data from the largest Brazilian companies in the most diverse sectors of the period. Given this large survey by the standards of the time, the historiographic use of the yearbook allows for multiple approaches, from the study focused on just one company, or even on the set of companies present in the survey. The main concern was the presentation of the theoretical and methodological discussion on the use of the yearbook as a source for the History of companies, as well as a brief comparison of some quotations from the editorial of the yearbook "Who is who in the Brazilian economy" of 1971 to demonstrate its potentialities, company classification methodologies and thresholds.

**Keywords:** Company history; directory; Vision Group; big companies; Who is who.

## INTRODUÇÃO

O campo de estudos da História de Empresas permite o resgate historiográfico das empresas em suas múltiplas dimensões. Com o tempo a interdisciplinaridade trouxe para as metodologias que buscam contar a história das empresas elementos teóricos não só da economia, administração ou das ciências sociais, mas também da História<sup>ii</sup>. Apresento neste artigo o anuário “Quem é quem na economia brasileira” do grupo Visão. Este anuário, derivado da revista Visão com periodicidade quinzenal e posteriormente semanal, foi resultado do esforço anual de coletar dados e informações contábeis das maiores empresas que atuavam no Brasil (estatais, privadas e multinacionais) e condensá-las na publicação. Teve início em 1967 e permaneceu ativo até o ano de 1993, possibilitando para os historiadores de empresas estabelecerem séries temporais para análise dos dados econômicos e contábeis<sup>iii</sup>. As publicações do anuário “Quem é quem na economia brasileira” oferecem informações empresariais e de conjuntura econômica, como fóruns, matérias especiais, editoriais, além do conjunto de dados contábeis sintetizados nas edições. Neste intervalo, entre 1967 e 1993, a publicação passou por três proprietários diferentes. O primeiro, desde a fundação da revista em 1952, foi o grupo norte-americano *Vision Inc.*, já em 1972 o publicitário e diretor comercial da Revista Said Farhat comprou a publicação mantendo as características da revista de priorizar a cobertura econômica e política, sendo que dois anos depois a revista foi vendida para o grupo liderado por Henry Maksoud, a partir de 1974 adotou uma linha editorial consonante com os valores econômicos neoliberais (NERY, 2007, p.287).

O anuário “Quem é quem na economia” pode contribuir com as pesquisas de História de Empresas pelo seu ineditismo no Brasil do período, com um esforço pioneiro que serviu inclusive de referência para elaboração de análises e políticas econômicas por diversos

---

<sup>ii</sup> Originada dessa multiplicidade de abordagens possíveis para o objeto econômico, configurando-se como um campo particular de estudo da História Econômica, a História de Empresa não deve ter a pretensão de se constituir num “saber” isolado, mas deve, sim estar atenta e referenciada aos movimentos teóricos e metodológicos que, frequentemente, agitam o conhecimento científico, particularmente a nível de ciências sociais. Esta aparece como nossa primeira e, quiçá, mais importante reflexão metodológica acerca da História de Empresa (FILHO, 1989, p. 171).

<sup>iii</sup> Em síntese, os aspectos até agora destacados enfatizaram a forma como os impressos chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física (formato, tipo de papel, qualidade da impressão, capa, presença/ ausência de ilustrações), a estruturação e divisão do conteúdo, as relações que manteve (ou não) com o mercado, a publicidade, o público a que visava atingir, os objetivos propostos. Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que não se constitui em um objeto únicos e isolado (LUCA, 2015, p.138-139).

articulistas e autores que se debruçaram sobre a economia brasileira da época. Um exemplo da utilização dos dados de “Quem é quem na economia” para interpretações a respeito do cenário empresarial brasileiro pode ser encontrado na obra *O Estado capitalista e burocracia no Brasil pós-64*, de Luciano Martins (MARTINS, 1985).

Efetuada estas observações e contextualização do anuário, o artigo se articula na discussão de duas questões. Na primeira seção abordo do ponto de vista metodológico as possibilidades de utilização do anuário “Quem é quem na economia brasileira” como fonte de pesquisa para a História de Empresas, identificando suas possibilidades, limitações, e formas dialógicas de interação com outras fontes. Nesta primeira parte, o aprofundamento teórico e metodológico é explorado, pois contribui para o debate a respeito da utilização de periódicos na História de Empresas. Na segunda seção, cumprindo o segundo objetivo, analiso alguns trechos da edição de 1971 do anuário “Quem é quem na economia brasileira”, principalmente através do editorial de Said Farhat, onde o editor expõe a importância do anuário e seus procedimentos e métricas para classificar as maiores empresas atuantes no Brasil do período.

## **FONTES HISTÓRICAS, METODOLOGIAS DE ANÁLISE E POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS PARA A HISTÓRIA DE EMPRESAS**

A História de Empresas é um campo historiográfico que ganha espaço no Brasil, porém, quando comparado com a importância atribuída em outros países, como nos Estados Unidos, onde a História de Empresas é preocupação desde os anos 1950, ainda é um campo relativamente novo. Quando pensamos a atuação dos historiadores no campo, esta participação é ainda mais recente, pois, por muito tempo a área de pesquisa da História de Empresas não foi explorada pela História, concentrando-se nas mãos de economistas, administradores, sociólogos, psicólogos, e demais pesquisadores de outras áreas correlatas<sup>iv</sup>. Discutindo a entrada tardia dos historiadores na área, Silvio Romero Martins Machado argumenta que “para os historiadores brasileiros a empresa ainda é objeto novo. A distância em relação ao objeto pode ser motivada por preconceito, por dificuldade de acesso às fontes (quando conservadas

---

<sup>iv</sup> O estudo das empresas no Brasil apenas recentemente converteu-se em foco de atenção para os historiadores. Observemos a emergência das empresas como objeto de estudos primeiramente entre sociólogos, antropólogos, psicólogos e economistas (MACHADO, 2011, p.15).

pelas empresas) ou em razão de eventuais restrições a sua exploração” (MACHADO, 2011, p. 15).

A contribuição de Machado expõe três motivos para a escassez de historiadores na História de Empresas. O primeiro é o preconceito, muitas vezes guiados por fatores ideológicos e pela falsa concepção que estudar a História de Empresas é estar do lado reacionário e das elites, ou seja, fazer uma história para as elites e a favor do capitalismo. É uma concepção muito equivocada, pois estudando sua história muitos paradigmas podem ser rompidos, e a aproximação do objeto pode desconstruir a ideia de que estudar empresas é estar ao lado das hegemonias econômicas, até porque o campo de pesquisa científica permite múltiplas análises do objeto. Para complementar esta argumentação, Jacob Frenkel e Jaques Kerstenetzky ressaltam que o trabalho do historiador de empresas é não construir narrativas parciais do seu objeto de estudos, refletindo sobre a história da empresa, problematizando-a através dos diversos contextos deparados:

Ainda que aceitemos essa fonte de variação como característica inevitável de estudos históricos, é preciso ressaltar que o tipo de história de empresas que estamos discutindo não é um tipo parcial de história empresarial, focando em uma área de atuação da empresa, mas o estudo do resultado geral da atividade empresarial, não somente como narrativa, mas como um processo evolutivo, com causas e efeitos, de uma unidade íntegra, uma unidade organizacional global, envolvendo as resultantes relevantes de suas áreas de atuação, visando os objetivos precípuos da sua existência: produção de bens e serviços, manutenção da sua capacidade competitiva e geração de lucros (FRENKEL & KERSTENETZKY, 2022, p. 704).

O segundo ponto citado relaciona-se com a dificuldade de acesso às fontes, pois encontram-se normalmente nos arquivos privados das empresas, limitando o acesso público às informações, fazendo com que os historiadores desconheçam estes documentos. A vantagem de utilizar o anuário “Quem é quem na economia brasileira” ou outros anuários correlatos são a possibilidade de conseguir dados consolidados e publicados na imprensa, sem os contratempos de buscar as informações em arquivos internos das empresas<sup>v</sup>.

Outro ponto que corrobora com a utilização do anuário é que para os historiadores que recuem décadas no tempo para suas pesquisas, provavelmente não encontrarão mais dados contábeis do recorte temporal do objeto. Finalmente, o terceiro empecilho para uma ampla

---

<sup>v</sup> Outro grupo refere-se aos trabalhos e informações vinculados pela grande imprensa. São dados que saem em jornais, revistas, textos comemorativos editados pelas empresas, edições especiais de revistas, ou publicações destinadas a este fim, como *Exame*, *Melhores e Maiores*, *Gazeta Mercantil Latino-Americana*, *1000 Maiores da América Latina*, entre outras (DALLA COSTA, 2004, p.8).

análise da História de empresas seria eventuais restrições a sua exploração. Este ponto é problemático para os historiadores, considerando que eles são atores externos às empresas, teoricamente não possuem o mesmo acesso que economistas e administradores que trabalham internamente no mundo corporativo ou na empresa objeto de estudos. Diante destas dificuldades, os historiadores ocupam-se de fontes oficiais divulgadas pelo governo ou de publicações como o anuário “Quem é quem na economia brasileira” para desenvolverem suas pesquisas. De acordo com Paulo Roberto Neves Costa: “O que fica patente, porém, é que existe uma dependência das fontes geradas pelo próprio mundo corporativo, pela imprensa, especializada ou não, e pelo Estado, que são as fontes mais usadas de coleta de informações” (COSTA, 2015, p.224).

Em relação as fontes publicadas pelo próprio mundo corporativo, é necessário um olhar diferenciado, pois, é preciso ter sensibilidade para identificar as nuances e vieses na narrativa e no posicionamento ideológico da publicação. Um exemplo é que Henry Maksoud, proprietário do grupo Visão após 1974, era assíduo defensor do discurso liberal, o que transparecia na publicação através de editoriais e análises dos dados efetuadas no anuário. Esta questão torna o material ainda mais rico, pois além da “frieza” dos números e balanços é possível extrair outras questões da fonte, tornando-a mais rica. A análise do anuário pode ser combinada com outros dados, como, por exemplo, levantamentos governamentais, pois, nenhuma fonte histórica pode ser analisada isoladamente, buscando sempre o confronto com outras que permitem complementação. Armando Dalla Costa explora esta necessidade argumentando que:

Um primeiro grupo de documentos fornecidos por governos ou pelos grupos estudados, é conhecido como fontes “oficiais”. Destacam-se arquivos de bancos, de órgãos governamentais (nacionais e estrangeiros); documentos e relatórios de grandes companhias dos diversos setores da economia; publicações de associações comerciais e industriais, relatórios de diretoria de empresas, publicações oficiais do governo brasileiro, como os anuários estatísticos do Brasil; Anuários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE; fontes oficiais estrangeiras, de diferentes países (DALLA COSTA, 2004, p.7).

Na contribuição de Dalla Costa é possível identificar ao menos quatro fontes diferentes de informações oficiais, a primeira os dados de bancos e do setor financeiro, o segundo de associações industriais e comerciais, o terceiro de anuários estatísticos do governo, e o quarto por fontes oficiais estrangeiras. Neste contexto, o anuário “Quem é quem na economia

brasileira” pode ser colocado como uma fonte oficial, considerando que os dados fornecidos pela publicação vieram dos dados contábeis das empresas, coletados pelo grupo Visão para a confecção do anuário e representando a configuração dos capitais e balanços oficiais das corporações. As diversas formas de extração de dados oficiais por meio de fontes diferentes é uma possibilidade para o trabalho dialógico entre as diversas fontes. Sobre a triangulação de fontes reforçam Jacob Frenkel e Jaques Kerstenetzky: “há a necessidade de uma avaliação crítica permanente sobre declarações e documentos textuais da empresa, considerando-se tanto a origem quanto o público a que se destinam, procurando-se realizar uma triangulação de fontes” (FRENKEL & KERSTENETZKY, 2022, p. 716).

A triangulação de fontes é uma metodologia necessária para construção da narrativa historiográfica, principalmente quando são analisados apenas os dados quantitativos, contábeis ou estatísticos. Alfred Chandler, um dos precursores dos estudos da História de Empresas, na sua pesquisa sobre o período inicial da grande empresa americana utilizou uma ampla gama de fontes, quantitativas e não quantitativas para desenvolver seu trabalho, dentre eles relatórios anuais para definir as 50 maiores empresas norte-americanas de 1909<sup>vi</sup>. O anuário “Quem é quem na economia brasileira” pode revelar outras dimensões da análise da história das empresas, como exemplo a avaliação da concentração de empresas por setor da economia, quais setores apresentam as maiores empresas, a divisão dos capitais estatais, privados e internacionais através de elaboração de séries históricas e do confrontar com dados conjunturais, identificar a participação relativa de uma empresa quando comparada com o setor, entre múltiplas outras possibilidades. Um exemplo de pesquisa de pode ser realizada com este tipo de material, ou seja, levantamentos do tipo “quem é quem”, é o caminho dos executivos e quais eram os “*chairmans*” das empresas de maior sucesso em um determinado período histórico. Costa aponta um estudo feito por Stanworth e Giddens (1974) realizado com esta finalidade:

Stanworth e Giddens (1974) analisaram o “social background” e a estrutura de carreira dos “chairmans”, uma “elite dentro de uma elite”, de grandes corporações e bancos na Inglaterra nos primeiros 70 anos do século XX. A seleção de empresas considerou o tamanho, a partir do critério dos ativos líquidos (“net assets”). Como

---

<sup>vi</sup> Além de trabalhos secundários sobre esse período, as fontes de dados usadas na busca de respostas para essas questões foram relatórios anuais e boletins de empresas, documentos oficiais, artigos de periódicos, narrativas e biografias referentes às 50 maiores empresas industriais do país em 1909. (CHANDLER, 1998, p.37).

fontes, foram usados artigos acadêmicos, publicações especializadas sobre grandes empresas e levantamentos do tipo *Who's Who* (COSTA, 2015, p.225).

Para a realização da pesquisa é citado que os autores realizaram uma fonte do tipo “quem é quem” para fazer o levantamento das principais carreiras dos executivos das maiores empresas, segundo eles “elite dentro de uma elite”. E para saber quais eram as maiores empresas foram utilizadas metodologias de mensuração das firmas através do critério dos ativos líquidos, forma parecida da utilizada pelo anuário do Grupo Visão. Outro ponto que merece destaque na pesquisa de Giddens e Stanworth é a recomendação da utilização de fontes complementares, como artigos e publicações especializadas. É perceptível na citação que os autores realizaram a triangulação de fontes destacada por Frenkel e Kerstenetzky. Um problema metodológico destacado por Costa é a questão de fidedignidade dos dados apresentados nos anuários ou levantamentos feitos por empresas privadas, ou editoras especializadas, pois, não é possível passar pelo crivo científico para construção do material. Muitas vezes a empresa ou instituição que está efetuando a análise ou construção dos dados não passa por uma avaliação de pares ou respeita critérios rígidos de verificação. É uma questão sensível para o historiador de empresas ao se deparar com este material, resultando em maiores cuidados no exame da fonte histórica neste formato.

Em suma, por um lado, quando levamos em conta as ponderações dos autores acima comentados verificamos novamente que os critérios e as variáveis usadas para localizar as maiores empresas é um sério problema para o pesquisador, dado que, em geral, isso também depende das metodologias usadas pelas publicações especializadas e pelo próprio Estado, seja para estabelecer quais são as maiores empresas, seja para obter informações sobre os indivíduos (*Who's who*). Isso ocorre tanto na França e na Inglaterra quanto na Rússia, na Índia e na China, seja por empresas privadas, seja pelo Estado, portanto, com metodologias e procedimentos de coleta sujeitos a dinâmicas que fogem ao controle acadêmico (COSTA, 2015, p.229).

Por mais que existam estas dificuldades técnicas em relação à precisão dos dados e dos critérios de classificação, não incorre em inviabilidade da fonte. Pelo contrário, ela amplia as possibilidades de abordagem e interpretações, considerando que o historiador de empresas pode usar as possíveis imprecisões da fonte como problemática de estudo enquanto faz a triangulação com as demais fontes, percebendo as tensões quando confrontadas. Considerando este contexto de desafio, o historiador pode usar sua criatividade e olhar os dados além da sua aparente frieza. As variações nas séries anuais, nos balanços, nos lucros, na troca de executivos e diretores ao longo do tempo pode contar uma história de múltiplas facetas. O diferencial que o historiador

de empresas pode buscar é perceber como os números contam a história da empresa em um determinado recorte temporal. As combinações das variáveis econômicas e contábeis também permitem correlação e até a possibilidade da utilização da cliometria<sup>vii</sup> por parte dos econométristas que utilizam os métodos estatísticos para elaboração da História de Empresas.

Frenkel e Kerstenetzky apresentam algumas possibilidades de fontes e suas respectivas importâncias dentro do campo de estudo da história de empresas. Entre as possibilidades destaco três fontes, sendo duas artigos na imprensa e balanços e demonstrações de resultados, e em terceiro lugar os anuários de associações patronais. São possibilidades de fontes que podem fazer as triangulações com o anuário “Quem é quem na economia”, servindo como complemento para contribuir com as informações presentes e construir narrativas que reforçam os dados do anuário, ou pelo contrário, fontes que contestem as informações presentes. Nos dois casos o cenário é promissor para o historiador de empresas. Sobre as respectivas fontes, os autores argumentam que:

*Artigos na imprensa* — Fornecem informações que a imprensa julga serem notícia: algum feito empresarial, inauguração de fábrica, greves, opiniões de dirigentes, eventualmente informações quantitativas. Revistas de negócios eventualmente selecionam a empresa estudada como destaque setorial e trazem uma descrição da empresa e seu desempenho no ano. Essa prática está particularmente presente nas revistas de periodicidade anual do tipo “as quinhentas maiores”.

*Balanços* — Os Balanços, as Demonstrações de Resultados, e indicadores resultantes são umas das principais fontes na construção de História de Empresas. Como são documentos obrigatórios anuais, devido à legislação fiscal, são de fácil acesso e permitem uma visão precisa e ampla da evolução financeira da empresa. Permitem visualizar a origem de seus recursos financeiros, a política de financiamento, a evolução das vendas, dos custos diretos e indiretos, das margens de lucro e dos lucros, e dos investimentos. A literatura da contabilidade fornece vários indicadores, mas o pesquisador pode elaborar sua própria organização das informações.

(...)

*Anuários de associações patronais* – Dão acesso a informações do ambiente externo imediato da indústria, contendo lista de produtores do setor, dados de produção

---

<sup>vii</sup> No caso da cliometria, em que consiste o seu método? Consiste na formulação de perguntas passíveis de serem respondidas por meio de testes estatísticos e econométricos. É um passo além daquilo que foi chamado por Karl Popper de ciência, isto é, se científicas, segundo este filósofo, são as afirmações que se submetem ao falseamento, os cliometristas foram além: o falseamento deve ser feito por meio de análises estatísticas e econométricas (NOGUERÓL, 2008, p.96).

setorial, permitindo localizar a evolução do setor e a participação da empresa estudada (FRENKEL & KERSTENETZKY, 2022, p. 717-718).

No anuário “Quem é quem na economia brasileira” é possível encontrar um pouco de cada fonte destacada. Existem artigos, materiais especiais e editoriais que demonstram os alinhamentos ideológicos da publicação. Os artigos e as colunas também são um promissor campo de estudo da história das ideias e da história intelectual, tendo em vista que são identificados os principais articulistas, suas redes de contato e diretrizes teóricas, políticas ou econômicas as quais correspondem. Os balanços citados são os dados contábeis das empresas selecionadas, permitindo que dados quantitativos sejam consultados e interpretados, e em terceiro lugar as próprias classificações empresariais dispostas no anuário. Diante disto, é notável que a fonte discutida neste artigo é um integrado de diversos estilos de fontes diferentes, enriquecendo ainda mais a análise do próprio material e o confronto com outras fontes que podem ter este mesmo formato unitário ou que sejam passíveis de serem coletadas individualmente. As interações das empresas com o mercado e com as políticas governamentais também recebem atenção nas matérias especiais, editoriais e nos fóruns do anuário, enriquecendo o objeto para a análise da empresa em diversos níveis. Reconhecendo a potencialidade da fonte, ainda Frenkel e Kertenetzky assinalam que: “Um caso de história empresarial é convenientemente estudado em três níveis: o nível interno da empresa, o nível imediatamente exterior, como o mercado, a indústria, a localidade, e o nível mais amplo da nação ou mesmo global” (FRENKEL & KERSTENETZKY, 2022, p. 699).

Os três níveis citados são interconectados, pois o nível interno da empresa é interdependente dos fatores externos, atuando como uma simbiose entre mercado e os consumidores do produto ou serviço e a organização interna da empresa. O terceiro nível representa outras variáveis ainda mais complexas de análise, como as decisões governamentais, políticas e econômicas, as políticas de comércio exterior, as variações da inflação ou do câmbio, entre outras variáveis que não são controladas pela empresa, mas que podem afetar toda a economia e as diversas indústrias. Por mais que o olhar do historiador de empresas esteja mais próximo dos aspectos internos da empresa, não pode negligenciar como estes outros níveis estão afetando seu objeto de estudos.

A questão metodológica básica consiste em como recuperar, absorver, compatibilizar e harmonizar essas possíveis influências, interações de todos esses níveis, de forma a construir uma sequência analítica que permita ao mesmo tempo entender, em cada período histórico, como a empresa atuou e como alterou o seu comportamento diante

SEMINA - REVISTA DOS PÓS-GRADUANDOS EM HISTÓRIA DA UPF – ISSN: 2763-8804

das influências internas e externas que se colocaram como elementos transformadores da sua evolução. Essa lógica analítica tem de ser suficientemente flexível para abranger empresas industriais, comerciais ou de serviços, incorporando na análise os diferentes momentos históricos, contemplando as variadas influências que se apresentam na trajetória, de forma que, no seu conjunto, possam compor uma história elucidativa da evolução do caso (FRENKEL & KERSTENETZKY, 2022, p. 701).

Através das contribuições teóricas e metodológicas expostas nesta seção observa-se que o historiador de empresas precisa considerar uma série de aspectos para viabilizar sua pesquisa, sem cair em anacronismos ou interpretações equivocadas. O objetivo foi inserir a fonte no formato de anuário “Quem é quem na economia brasileira” da editora Visão nesta reflexão e justificar a potencialidade da utilização da fonte no rol de possibilidades para análise. Justifica-se, também, devido à escassez, ou quase nulidade, de pesquisas e artigos utilizarem este material como fonte. Resgatado o potencial do anuário “Quem é quem na economia brasileira”, na próxima seção apresento alguns trechos do editorial do anuário do ano de 1971, escrito pelo editor-chefe Said Farhat, evidenciando a importância do material para retratar a realidade das maiores empresas na época, como para esmiuçar de forma mais objetiva as metodologias utilizadas para classificação das empresas pelo anuário.

### **O anuário “Quem é quem na economia brasileira”, suas possibilidades e limites como fonte para a História de empresas**

O intuito desta seção é compartilhar alguns trechos do editorial escrito por Said Farhat para o anuário “Quem é quem na economia brasileira” do ano de 1971. Como qualquer publicação é necessário um olhar crítico a respeito do posicionamento da revista, por mais que sejam adotados critérios técnicos e contábeis para justificar a metodologia, o Grupo Visão representa o empresariado nacional e pode ter um viés em prol do grupo ao qual está inserido. Diante desta questão, o editorial do anuário de 1971 inicia-se com uma retrospectiva dos últimos cinco anos do início da empreitada de classificar as maiores empresas nacionais, dando enfoque para o ineditismo do levantamento:

É, pois, dentro desse espírito de servir que apresentamos o nosso “Quem é quem na economia brasileira” de 1971. Também aí percorremos um longo caminho. Levantamentos desse tipo começaram, realmente, no Brasil, com a primeira tentativa de classificar as quinhentas maiores sociedades anônimas, em 1966 (no último número da revista Direção, que integrava o então chamado “grupo Visão” (QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA, 1971, p.44).

O anuário, segundo Said Farhat passou por um processo de maturação, pois o levantamento das quinhentas maiores empresas anônimas do Brasil nasceu no último número da revista Direção em 1966. A referida revista também era integrante do Grupo Visão, tinha o conteúdo voltado para a gestão e administração de empresas, encerrando sua circulação naquele ano, porém, na edição de fechamento nascia a inspiração para um projeto de maior envergadura, surgindo em 1967 o anuário “Quem é quem na economia brasileira”. Said Farhat continua exaltando o esforço e a satisfação do Grupo Visão em concretizar o anuário:

Atualmente, o gosto pela análise de resultados das atividades empresariais vai-se transformando em verdadeira paixão. De um lado, a própria economia nacional requer informações mais acuradas sobre o comportamento de cada um dos seus setores. De outro, o afluxo crescente de novas companhias ao mercado de dinheiro impõe a queda das barreiras de sigilo com as quais os homens de negócios costumavam cercar suas atividades. Estamos, sem dúvida, entrando cada vez mais num regime de verdade contábil. É certo que muitas companhias ainda usam a publicação dos seus balanços para esconder sua situação (seja porque teriam de mostrar grandes lucros, seja pela razão contrária) (QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA, 1971, p.44).

Esta citação é importante para realizar algumas reflexões a respeito da fonte e sobre os limites da análise do anuário. Primeiramente, Said Farhat expõe a escassez de levantamentos do tipo “quem é quem” no Brasil, não havendo informações oficiais ou sistematizadas das maiores empresas brasileiras e as suas participações nos setores da economia. Sem esta referência não era possível visualizar o quadro dos setores mais promissores da economia brasileira, que reuniam o maior número de empresas ou que possuíam a maior concentração de capitais. Em segundo lugar, Farhat cita o excesso de empresas de sociedade anônima, com capitais abertos, que precisam legalmente abrir seus balanços contábeis para os acionistas e investidores. Este posicionamento das empresas ao captarem recursos no mercado acionário faz com que barreiras e sigilos em relação aos lucros e balanços de outrora diminuam e um raio-X mais verossímil da vitalidade econômica e contábil da empresa seja aberto para análise, viabilizando a produção de estatísticas da empresa, do setor e da participação desta na economia. Said Farhat apresenta certa empolgação ao afirmar que com o anuário estariam entrando em um “regime de verdade contábil”. Talvez esta afirmativa seja oriunda do sucesso do levantamento feito pelo Grupo Visão no seu anuário, mas com certeza pode haver imprecisões nos dados fornecidos pelas empresas, sobretudo quando os métodos contábeis podem mascarar e superestimar a saúde financeira da empresa, o que também é alertado por Said Farhat ao final da citação. Sobre este ponto cabe um alerta aos historiadores de empresas

que podem vir a recorrer ao anuário “Quem é quem na economia brasileira” como fonte. Quando o historiador se deparar com dados contábeis superestimados ou que escondem lucros, é necessário procurar uma série histórica para confrontar os dados. Como exemplo, é possível comparar lucros e balanços da empresa no decorrer de uma década, e afrontar com outros dados a respeito da empresa. Caso a empresa omita resultados positivos, uma investigação a respeito do seu crescimento e ganhos de mercado no recorte temporal circunscrito pode ser o ponto inicial de um exame. Quando a situação é inversa, e a empresa anuncia grandes lucros e vendas, mas, na prática a situação é inversa quando analisadas outras fontes, a questão pode ser indagada como problema na pesquisa histórica.

Said Farhat continua sua argumentação dizendo que os critérios de análise do anuário ganharam qualidade ao longo dos anos com a experiência do Grupo Visão para organizar a publicação:

Mas é confortador ver que, quando, em 1968, resolvemos relacionar todas as companhias com capital e reservas superiores a 3 milhões de cruzeiros, só encontramos, naquele ano, 1778 empresas. Daí para cá, viemos aperfeiçoando nossos critérios de análise e, neste número do “Quem é quem”, as empresas já não estão relacionadas segundo ordem de capital mais reservas, mas, sim, segundo seu patrimônio líquido. Conforme está explicado no lugar próprio, o patrimônio líquido de uma companhia significa justamente isso: o que resta aos acionistas depois de recebidas todas as contas e pagas todas as dívidas e encargos. É, em linguagem muito simplificada, o *book value*, ou valor contábil das empresas (QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA, 1971, p.45).

O método de classificação para distinguir as maiores empresas brasileiras do ano de 1971 sofreu uma alteração significativa, a métrica dos anos anteriores era segundo ordem de capital mais reservas, isto é, um enfoque maior na estrutura produtiva da empresa. O olhar estava na capacidade da firma de criar capital fixo e variável, porém não considerava o patrimônio líquido como critério principal de classificação das empresas, ponto que mudou, pois segundo Said Farhat, o patrimônio líquido expressa de forma mais eficiente a saúde financeira da empresa e considera seus lucros. Isto é, após o cumprimento de todos os compromissos contábeis e financeiros, o restante é lucro para ser dividido entre os acionistas. Este fator é relevante, pois, premia as empresas mais hábeis e dinâmicas, e com maior potencial de crescimento de lucros e consequentemente de capitais. Neste novo critério o crescimento dos capitais é consequência do tamanho da empresa, e os lucros ou patrimônio líquido é o fim a ser considerado. Analisar como a mudança de método entre as edições anteriores do anuário “Quem é quem na economia brasileira” e as posteriores à 1971 alterou a classificação das

principais empresas, quando comparadas as séries anteriores e posteriores, pode ser um caminho viável para operacionalização de uma pesquisa utilizando o anuário.

Outro fator proeminente do salto de qualidade da fonte no ano de 1971 foi a ampliação das empresas que tiveram seu balanço analisado, além de contemplar 28 itens diferentes na composição do estudo:

Mas não apenas melhoramos nossos critérios de classificação das empresas. Aqui o leitor encontrará análise dos balanços de mais de 3400 empresas industriais, comerciais, financeiras e de seguros.

(...)

Também pela primeira vez, apresentamos uma análise dos balanços das cem maiores companhias brasileiras, abrangendo 28 itens, muitos dos quais não podem ser obtidos nos balanços (QUEM É QUEM NA ECONOMIA BRASILEIRA, 1971, p.45).

A totalidade de empresas contidas no estudo propõe uma visão panorâmica dos mais diversos setores industriais brasileiros. Através da leitura minuciosa dos dados o Historiador de Empresas poderá segmentar sua análise de diversas formas, como exemplo, fazendo comparativos de empresas de um mesmo setor, ou identificando as diferenças existentes entre os setores da economia brasileira. As possibilidades são inúmeras, inclusive abrangendo itens que estão fora dos balanços. Cabe destacar o quantitativo de trabalho interno para realização do anuário “Quem é quem na economia brasileira”, segundo Said Farhat: “Ainda no plano interno, os cálculos e análises consumiram mais de 2 mil horas de trabalho. E a busca dos balanços das companhias se processou através da consulta de mais de 9 mil jornais de todo o país” (FARHAT, 1971, p.45).

O tempo de trabalho dispendido no esforço total revela uma força tarefa que utilizou como metodologia a busca de dados em jornais. Desta forma, a utilização da imprensa pela imprensa é o fator aglutinador de informações para o levantamento. Os balanços muitas vezes não vieram diretamente das fontes empresariais, o que demonstra que os dados coletados pelo anuário são originários de diversas fontes, criando uma ponte entre a informação original e o anuário, que seriam os jornais consultados. Assinalando as diferentes naturezas dos mais de 9 mil jornais consultados, outro problema metodológico pode surgir, os quais são a assimetria entre as fontes. Por mais que o tipo de periódico consultado sejam jornais, estes jornais podem representar diversas linhas editoriais diferentes, sejam patrocinados por associações comerciais, sindicatos patronais ou operários, entre as mais diversas possibilidades. Estas díspares naturezas podem influenciar na precisão ou não dos balanços publicados. Os problemas enfrentados no

processo de construção do anuário são expostos no editorial:

Para selecionar as cem maiores empresas no Brasil, a equipe de Visão teve de enfrentar uma série de problemas. O simples exame comparativo dos balanços de cada organização nem sempre permitia a determinação dos dados essenciais. Assim, tivemos necessidade de efetuar o levantamento complementar de informações. Para essa coleta, fomos desde a troca intensiva de correspondência com centenas de executivos, até a realização de entrevistas pessoais com os dirigentes das empresas selecionadas (FARHAT, 1971, p.306).

O anuário recorreu a fontes complementares para efetivar a análise dos balanços das empresas. Identificada a fonte primária, sendo os dados jornalísticos sobre os balanços, a fase seguinte foi um interessante exercício de troca de cartas e entrevistas com executivos e dirigentes. Este esforço se deu para definir as classificações do topo da tabela, ou seja, as cem maiores empresas. A informação é relevante, pois quando olhamos para as empresas medianas ou da base da estatística sabemos que foram usados apenas os dados jornalísticos para classificá-las, enquanto as cem maiores receberam maior atenção por parte do anuário. Com isto, é entendida duas estratégias diferentes de levantamento de dados, caso o pesquisador queira comparar empresas de pontos diferentes da classificação, deve ter em mente que ao analisar uma empresa da base com as empresas do topo provavelmente há uma diferença na qualidade das informações. O fato de dados serem extraídos de cartas e entrevistas, aumentam a possibilidade de imprecisão, em virtude dos dirigentes e executivos poderem omitir dados de forma estratégica. Por fim, Said Farhat apresenta uma síntese das cem maiores empresas apanhadas pelo anuário: “O resultado final (sic) da seleção mostra um quadro em que predominam as empresas estatais (43%). Temos 43 empresas pertencentes ao Estado, para 30 empresas privadas nacionais e 27 empresas com capital de residentes no exterior” (FARHAT, 1971, p. 306).

Em 1971 o resultado alcançado é que as empresas estatais dominavam a lista das maiores do Brasil, com 43 estatais, enquanto o capital privado nacional aparecia com 30 empresas, seguido de perto por 27 empresas de capital externo de acordo com o anuário. Este quadro é relevante, demonstrando o domínio das empresas estatais no auge do período da ditadura militar brasileira e do milagre econômico. Diante do exposto, a seção buscou apresentar as potencialidades e os limites da fonte anuário “Quem é quem na economia brasileira”, compreendendo suas metodologias de classificação de empresas e estratégias para coleta dos dados contábeis.

## CONCLUSÃO

A discussão do anuário “Quem é quem na economia brasileira” como fonte de pesquisa direcionado para a História de Empresas demonstrou-se válida. No decorrer do artigo foram apresentadas as possibilidades de usos da fonte para pesquisas com diversas finalidades. O tipo de fonte no formato de anuário é rico, pois permite análises econômicas e contábeis, enquanto os editoriais, matérias especiais e fóruns trazem a dimensão teórica e política da publicação. Perante estas questões, foi realizada uma discussão metodológica que objetivou dar subsídios para o leitor conhecer o potencial da fonte, mas também identificar suas possíveis limitações. Este movimento mostrou-se necessário, pois apesar do conjunto do anuário abranger milhares de empresas brasileiras com seus balanços e patrimônios líquidos, a metodologia para construção dos dados pela publicação precisou ser discutida. As dificuldades expostas e possíveis imprecisões não diminuem a potencialidade da fonte, pelo contrário, podem ampliar as possibilidades ao elencar diferentes problemáticas oriundas das tensões encontradas. As discussões levantadas no editorial também auxiliam o Historiador de Empresas a ampliar a visão além dos números frios dos balanços, percebendo todo o processo e discurso por trás da elaboração dos dados.

Para facilitar a análise do anuário como fonte e entender suas formas de classificação de empresas, foi adotada como amostra o anuário “Quem é quem na economia do ano de 1971”. A escolha por esta edição, considerando que o anuário compreende os anos de 1967 a 1993, foi escolhida pela mudança na metodologia de classificação. Anteriormente entre 1967 e 1970 foi utilizado como referência para ordenar as empresas da maior para a menor a quantidade de capital mais reservas, enquanto após 1971 uma alteração considerável adotou como critério o patrimônio líquido da empresa. Através destas questões, é expressiva a potencialidade do anuário para o estudo da História de Empresas, pois, além de ser o mais expressivo levantamento do tipo “Quem é quem” de sua época, é um modelo de fonte reconhecido pela literatura, como exposto na primeira seção deste artigo.

## FONTE

Anuário *Quem é Quem na Economia Brasileira*. Sob a responsabilidade de publicação pela Sociedade Editorial Visão Ltda. Edições encontradas compreendem de agosto de 1967 até 1993.

As fontes encontram-se na Biblioteca Pública do Paraná e na Biblioteca de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR, ambas localizadas na cidade de Curitiba.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. *Fontes Históricas: Introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

CHANDLER, Alfred. *Os primórdios da “grande empresa” na indústria norte-americana*. In: MCCRAW, Thomas K (org.). *Alfred Chandler: ensaios para uma teoria histórica da grande empresa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 35-66.

CEZAR JUNIOR, Gervásio. *Revista Visão: ação partidária e disputas de projetos hegemônicos na década de 1970*. Santa Maria: Anais do X Encontro Estadual de História - ANPUH-RS: O Brasil no Sul: Cruzando fronteiras entre o regional e o nacional, 2010.

COELHO, Fernando Mendes. *Liberalismo econômico & ditadura militar: controvérsias em “Quem é quem na economia brasileira” (1967-1977)*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.

COSTA, Paulo Roberto Neves. *Os empresários enquanto elite: a pesquisa empírica*. In: PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano (orgs.). *Como estudar elites*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

DALLA COSTA, Armando João; GRAF, Márcia Elisa de Campos (orgs.). *Estratégias de desenvolvimento urbano e regional*. Curitiba: Juruá, 2004.

DALLA COSTA, Armando João; FERNANDES, Adriana Sbicca; SZMRECSÁNYI, Tamás (orgs.). *Empresas, empresários e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Ribeirão Preto, SP: ABPHE, 2008.

FILHO, Almir Pita Freitas. *História econômica e história de empresa: algumas reflexões metodológicas*. Porto Alegre: Revista Ensaios FEE, 10 (1), 1989, p.168-177.

FRENKEL, Jacob; KERSTENETZKY, Jaques. *Uma metodologia de História de Empresas*. Revista História Econômica & História de Empresas. V. 25, nº.3, p.696-723, set-dez, 2022.

GONÇALVES, Caroline; SAES, Alexandre Macchione. *Surgimento e desenvolvimento da Business History: da História de empresas à História de negócios*. Niterói: XII Congresso Brasileiro & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2017.

LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.

MACHADO, Silvio Romero Martins. *História de empresas e a evolução empresarial*. Revista Semina v.9 – nº1 – 2011.

MARTINS, Luciano. *Estado Capitalista e Burocracia no Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MCCRAW, Thomas K (org.). *Alfred Chandler: ensaios para uma teoria histórica da grande empresa*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

NERY, João Elias. *Páginas de Cultura, Resistência e Submissão: Livros na Revista Visão (1968-1978)*. In: Revista Em Questão. Porto Alegre v.13, nº2, p.283-297, jul/dez 2007.

NOGUERÓL, Luiz Paulo Ferreira. *Histórias Econômicas de Economistas – Cliometria e Nova Economia Institucional*. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v.14, n.1 p.91-112, 2008.